



V. Woolf

contos completos

© Chatto & Windus, 1985; Hogarth Press, 1989

© Cosac Naify, 2005

FOTO p.2: Virginia Woolf, c. 1920 © RPS/SSPL/The Image Works

FOTO p.430: Virginia Woolf, c. 1925 © Mansell/Time Life Pictures/Getty Images

Título original *The Complete Shorter Fiction of Virginia Woolf*

Fixação de texto e notas Susan Dick

Tradução Leonardo Fróes

Preparação Leny Cordeiro

Revisão Sandra Brazil e Alexandre Barbosa de Souza

Projeto gráfico Luciana Facchini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Woolf, Virginia, [1882-1941].

Contos completos / Virginia Woolf;

Título original: *The complete shorter fiction
of Virginia Woolf*

Título anterior: Objetos sólidos.

Tradução: Leonardo Fróes;

Fixação de texto e notas: Susan Dick.

2. ed. – São Paulo: Cosac Naify, 2005.

472 pp., 02 ilust.

ISBN 85-7503-400-6

1. Contos ingleses 2. Ficção inglesa 1. Dick, Susan. II. Título.

05-1133

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura inglesa 823

2. Ficção: Literatura inglesa 823

COSAC NAIFY

Rua General Jardim, 770, 2º andar

01223-010 São Paulo SP

Tel [55 11] 3218 1444

Fax [55 11] 3257 8164

www.cosacnaify.com.br

Atendimento ao professor [55 11] 3823 6595

Kew Gardens

Do canteiro de flores em forma oval erguia-se talvez uma centena de talos que no meio da ascensão se alargavam em folhas em forma de coração ou de língua e se desfraldavam na ponta em pétalas vermelhas ou azuis ou amarelas com manchas de outra cor a marcá-las na superfície; e da obscuridade do colo, vermelha, azul ou amarela, emergia uma haste reta, coberta de pó dourado e ligeiramente rombuda na ponta. As pétalas eram suficientemente volumosas para serem sopradas pela brisa do verão e, quando se moviam, as luzes vermelhas, azuis e amarelas passavam umas sobre as outras, lançando em dois dedos da terra escura por baixo uma pequena mancha de coloração intrincada. Ou bem a luz caía no dorso liso e acinzentado de uma pedrinha, ou bem nas costas de um caracol, sobre sua concha de veios pardos circulares, ou ainda, caindo numa gota de chuva, expandia com tal intensidade de vermelho, azul e amarelo as paredes finas da água, que se esperava que fossem rebentar e sumir. Em vez disso, voltou a gota a receber um segundo cinza-prateado, e a luz foi concentrar-se agora na carne de uma folha, revelando, por baixo da superfície, a esgalhada trama de fibras, e de novo se moveu e estendeu sua iluminação aos vastos espaços verdes sob a abóbada de folhas em forma de coração e de língua. A brisa então soprou ligeiramente mais forte e a cor, sendo esbatida para cima, desapareceu pelo ar, pelos olhos dos homens e mulheres que andavam em julho por Kew Gardens.

As figuras desses homens e mulheres passaram desgarradas pelo canteiro de flores numa movimentação curiosamente irregular, não destituída de semelhança com a das borboletas brancas e azuis que cruzavam o gramado em vôos em ziguezague de canteiro em canteiro. O homem ia a uns dois palmos na frente da mulher, vagando distraidamente, enquanto ela se demorava mais concentrada, só virando a cabeça de vez em quando para ver se as crianças não tinham ficado muito para trás. O homem mantinha aquela distância à frente da mulher de propósito, embora talvez inconscientemente, porque queria seguir com seus pensamentos.

“Faz quinze anos que estive aqui com Lily”, pensava ele. “Sentamos à beira de um lago por ali e eu, durante toda a tarde quente, pedi que ela se casasse comigo. Em torno de nós, circulando sem parar, um louva-a-deus: que agora eu vejo tão claramente como o sapato dela, com uma fivela quadrada prateada na ponta. O tempo todo em que eu falava, olhava para o sapato e, quando impacientemente ele se mexia, eu sabia sem olhar para cima o que ela iria dizer: toda ela parecia estar no sapato. Já meu amor, meu desejo estavam no louva-a-deus; por alguma razão eu pensava que, se ele pousasse lá, naquela folha, a folha larga com uma flor vermelha no meio, se o louva-a-deus pousasse ali ela iria dizer ‘Sim’ sem pestanejar. Mas o louva-a-deus voava sem parar, nunca pousou em canto algum – felizmente aliás, porque senão eu não estaria passeando por aqui com Eleanor e as crianças. – Você às vezes pensa no passado, Eleanor?”

“Por que a pergunta, Simon?”

“Porque eu andei pensando no passado. Lembrei de Lily, a mulher com quem eu poderia ter-me casado... Mas por que você ficou tão calada? Importa-lhe que eu pense no passado?”

“Mas por que importaria, Simon? Não pensamos todos nós no passado, num jardim com homens e mulheres sob as árvores? Não são eles o nosso próprio passado, tudo o que resta dele, esses homens e mulheres, esses fantasmas que jazem sob as árvores... nossa felicidade, nossa realidade?”

“Para mim, uma fivela de sapato, quadrada e prateada, e um louva-a-deus...”

“Para mim, um beijo. Imagine seis mocinhas sentadas diante de seus cavaletes, há vinte anos, na beira de um lago, pintando nenúfares, os primeiros nenúfares vermelhos que eu via. E de repente um beijo, bem na minha nuca. Não pude mais pintar, porque fiquei a tarde toda com a mão tremendo. Peguei meu relógio e marquei a hora em que me permitiria pensar no beijo por somente cinco minutos – era tão precioso –, o beijo de uma velha grisalha com uma verruga no nariz, a mãe de todos os meus beijos na vida. Venha, Caroline, venha, Hubert.”

Passaram pelo canteiro de flores, andando agora os quatro lado a lado, e logo diminuíram de tamanho entre as árvores, dando a impressão de serem semitransparentes à medida que a luz e sombras boiavam nas suas costas em manchas trêmulas, grandes e irregulares.

No canteiro oval de flores o caracol, cuja concha fora tingida de vermelho, azul e amarelo por mais ou menos dois minutos, parecia mover-se agora muito lentamente na concha, para logo se esforçar sobre fragmentos de terra fofa que se despedaçavam rolando quando ele passava por cima. Dava a impressão de ter pela frente um objetivo definido, diferindo nesse aspecto do singular inseto verde e anguloso que com altas passadas tentou atravessar na sua frente e esperou por um segundo com as antenas tremendo, como que em deliberação, e depois pulou fora na direção oposta, tão rápida e estranhamente como tinha chegado. Íngremes e escuros rochedos com fundos lagos verdes nas cavidades, árvores lisas como lâminas que tremiam das raízes ao topo, pedregulhos redondos acinzentados, vastas superfícies enrugadas de uma rala textura quebradiça – todos esses obstáculos contrapunham-se ao avanço do caracol entre um talo e outro em direção ao seu destino. Antes de ele haver decidido se contornava a tenda arqueada de uma folha seca ou se a peitava, os pés de outros seres humanos passaram também pelo canteiro.

Ambos dessa vez eram homens. E a expressão do mais novo dos dois era de calma talvez inatural; ele erguia os olhos e os fixava com

absoluta regularidade à frente enquanto seu companheiro falava e, tão logo o companheiro tinha acabado de falar, olhava para o chão novamente e às vezes abria os lábios, mas só depois de uma longa pausa, e às vezes nem sequer chegava a abri-los. O homem mais velho tinha um método curiosamente irregular e desengonçado de andar, esticando a mão para a frente e jogando a cabeça abruptamente para o alto, mais ou menos à maneira de um impaciente cavalo de carruagem cansado de esperar na frente de uma casa; mas no homem esses gestos eram irresolutos e despropositados. Ele quase não parava de falar; sorria para si mesmo e retomava a conversa, como se aquele seu sorriso tivesse sido uma resposta. Estava falando sobre espíritos – os espíritos dos mortos que, segundo ele, neste exato momento lhe contavam as mais variadas e estranhas coisas sobre suas experiências no Céu.

“O Céu era conhecido pelos antigos como Tessália, William, e agora, com esta guerra, os temas espirituais estão rolando entre as colinas como um trovão.” Fez uma pausa, parecia escutar, sorriu, soergueu a cabeça e prosseguiu:

“Trata-se de uma pequena bateria elétrica, com uma capa de borracha para isolar o fio – isolar? – insular? – bem, vamos deixar de lado os detalhes, não adianta entrar em detalhes que não seriam entendidos –, e a maquininha, em suma, fica em qualquer lugar conveniente à cabeceira da cama, digamos, sobre uma mesinha de mogno, de bom gosto. Sendo todos os preparativos corretamente executados por trabalhadores dirigidos por mim, a viúva encosta o ouvido ali e convoca o espírito por sinal, como combinado. Mulheres! Viúvas! Mulheres de preto...”

A essa altura ele deu a impressão de ter avistado ao longe um vestido de mulher que parecia ser, na sombra, de um preto arroxeadado. Tirou o chapéu, pôs a mão no coração e, com gestos e murmúrios febris, precipitou-se em seu encalço. Mas William pegou-o pela manga e, para distrair a atenção do velho, apontou com a ponta da bengala para uma flor. Depois de a olhar por um momento, meio confuso, o velho se dobrou e encostou o ouvido nela, como se ouvisse uma voz vindo dali,

pois começou a falar sobre as florestas do Uruguai que ele tinha visitado centenas de anos antes em companhia das jovens mais bonitas da Europa. Podia ser ouvido murmurando sobre as florestas do Uruguai cobertas de pétalas brilhantes de rosas tropicais, rouxinóis, praias, sereias e mulheres afogadas no mar, enquanto condescendia em ser levado adiante por William, em cuja face a expressão de estóica paciência tornava-se pouco a pouco mais drástica.

Seguindo-lhe os passos com atenção, a ponto de ficarem ligeiramente intrigadas com seus gestos, vinham duas velhotas da classe média baixa, uma gorda e pesada, a outra lépida e de rosto corado. Como a maioria das pessoas de sua condição, elas eram francamente fascinadas por quaisquer sinais de excentricidade que denunciassem um cérebro em desordem, especialmente entre os ricos; mas estavam muito longe para saber ao certo se eram gestos meramente excêntricos ou autenticamente loucos aqueles. Depois de examinarem em silêncio, por um momento, as costas do velho, e de lançarem uma à outra o mesmo olhar zombeteiro, continuaram elas com a montagem, ambas cheias de energia, de seu muito complicado diálogo:

“Nell, Bert, Lot, Cess, Phil, Pa, ele diz, eu diz, ela diz, eu diz, eu diz, eu diz...”

“Meu Bert, Sis, Bill, Vovô, o velho, açúcar,
Açúcar, farinha, peixe seco, verduras,
Açúcar, açúcar, açúcar”¹

Pelo padrão de palavras em cascata a mulher pesadona olhou com uma curiosa expressão para as flores que se mantinham na terra, serenas, firmes, erectas. Viu-as como alguém que ao acordar de um sono profundo vê um candelabro de bronze refletindo a luz de um modo estranho e fecha os olhos e volta a abri-los e, vendo o candelabro ali de novo, finalmente acorda de vez e o encara com toda a força que tem. A pesadona se deteve ao lado do canteiro oval de flores e cessou até de fingir que ouvia o que a outra mulher ia dizendo. Ficou ali, deixando que as palavras lhe caíssem por cima, balançando lentamente a parte

superior de seu corpo para a frente e para trás, olhando as flores. Sugeriu então que elas sentassem nalgum canto para tomar seu chá.

O caracol a essa altura já havia considerado todas as possíveis maneiras de atingir seu objetivo sem contornar a folha seca nem subir por cima dela. Além do esforço necessário para escalar uma folha, restava-lhe a dúvida se a fina textura que vibrava com estalidos tão alarmantes, quando tocadas só pela ponta de seus chifres, agüentaria seu peso; por isso ele decidiu finalmente se arrastar por baixo dela, pois havia um ponto em que a folha se arqueava bem acima do solo para admiti-lo. Tinha acabado de enfiar a cabeça na abertura e já se estava acostumando, enquanto considerava a altura do telhado, à luz terrosa e fresca que através dele se filtrava, quando vieram duas outras pessoas passando no gramado lá fora. Dessa vez eram ambos jovens, um rapaz e uma moça. Ambos no vigor dos anos, ou mesmo nessa estação que precede o vigor dos anos, antes de as dobras cor-de-rosa e aveludadas da flor se livrarem do seu viscoso invólucro, quando as asas da borboleta, embora já crescidas, mantêm-se imóveis no sol.

“Que sorte que não é sexta-feira”, observou ele.

“Por quê? Você acredita em sorte?”

“Na sexta eles cobram meio xelim.”

“Mas o que é meio xelim? Isso não vale?”

“Isso o quê? O que você quer dizer com ‘isso’?”

“Oh, qualquer coisa – quero dizer –, você sabe o que é que eu quero dizer.”

Houve longas pausas entre cada uma dessas observações pronunciadas em vozes inexpressivas e monótonas. De pé na beira do canteiro de flores, o casal se mantinha imóvel, e juntos eles fizeram pressão para enfiar a ponta da sombrinha dela bem fundo na terra mole. Tal ação e o fato de ele ter a mão sobre a dela expressavam de um modo estranho seus respectivos sentimentos, como aquelas palavras curtas e insignificantes expressavam também alguma coisa, palavras com asas curtas para seu corpo tão prenhe de significado, inadequadas para levá-las longe e

assim pousando desajeitadamente nos próprios objetos comuns que as circundavam e que a seu tato inexperiente eram tão maciças: mas quem sabe (desse modo pensaram eles, ao espetarem a sombrinha na terra) que precipícios não estão ocultos nelas, ou que encostas de gelo não estão brilhando ao sol do outro lado? Quem sabe? Quem já viu isso antes? Mesmo quando ela se perguntava que tipo de chá poderia ser servido em Kew, sentia ele que alguma coisa assomava por trás de suas palavras e por trás delas se mantinha, vasta e sólida; e muito lentamente a neblina se levantou revelando – oh, meu Deus –, que formas eram aquelas? – mesinhas brancas e também garçonetes que olharam primeiro para ela e depois para ele; e houve uma conta que ele pagaria com uma moeda real de dois xelins, real mesmo, totalmente real, garantia-se ele, pondo os dedos na moeda em seu bolso, real para todo mundo, a não ser para eles dois; aliás para ele já começava a parecer real; e aí – mas, sendo por demais excitante continuar de pé e pensando, ele puxou a sombrinha para fora da terra, com um safanão, e mostrou-se impaciente para achar o lugar em que se tomava chá em companhia dos outros, como os outros.

“Vamos, Trissie; está na hora do chá.”

“Onde é que se *toma* chá por aqui?”, perguntou ela, com o mais estranho frêmito de animação na voz, olhando vagamente ao redor, deixando-se arrastar e arrastando sua sombrinha pela trilha na grama, virando a cabeça para este lado ou aquele, esquecendo-se completamente do chá, querendo chegar lá embaixo e depois mais baixo ainda, lembrando-se de orquídeas e grouns entre flores silvestres, um pagode chinês e uma ave de crista vermelha; e ele sempre a levá-la.

Assim um casal depois do outro passava pelo canteiro de flores, com muito da mesma movimentação irregular e sem objetivo, e era envolvido em camada após camada de vapor verde-azulado, no qual a princípio seus corpos tinham substância e um pouco de cor, embora cor e substância se dissolvessem mais tarde na atmosfera verde-azulada. Que calor fazia! Estava tão quente que até o tordo preferiu ir pular à

sombra das flores, com longas pausas entre um movimento e o seguinte, como um passarinho mecânico; em vez de vagarem ao acaso, as borboletas brancas dançaram umas sobre as outras, formando com suas móveis camadas brancas o contorno de uma coluna de mármore despedaçada sobre as flores mais altas; os telhados de vidro da casa das palmeiras brilhava como se todo um mercado cheio de cintilantes sombrinhas verdes tivesse aberto no sol; e no zumbido do aeroplano a voz do céu de verão murmurava sua alma impetuosa. Amarelo e preto, rosa e branco-neve, formas de todas essas cores, homens, mulheres e crianças foram localizadas por um segundo no horizonte e aí, vendo a extensão de amarelo que se abria na grama, eles acenaram e foram à procura de sombra embaixo das árvores, dissolvendo-se como gotas d'água na atmosfera amarela e verde, tingindo-a levemente de vermelho e azul. Parecia que todos os corpos pesados e compactos tinham baixado imóveis no calor e jaziam amontoados no chão, mas suas vozes partiam deles tremulantes como se fossem chamas a espichar-se dos grossos corpos de cera das velas. Vozes, sim, vozes sem palavras, quebrando de repente o silêncio com um contentamento tão profundo, com paixão tão desejosa ou, nas vozes das crianças, com tal frescor de surpresa; quebrando o silêncio? Mas não havia silêncio; o tempo todo os ônibus motorizados viravam suas rodas e mudavam de marcha; como um imenso jogo de caixinhas chinesas, todas em aço trabalhado, dispendo-se incessantemente umas dentro das outras, a cidade murmurava; no topo, vozes gritavam alto e as pétalas de miríades de flores espoucavam suas cores no ar.